

Terceiro ato — Fugido

Um desfile de entidades cruza a galeria no sentido diagonal. São corpos escultóricos feitos de pedaços de matéria orgânica, inorgânica e artificial — seres antropomórficos cuja natureza híbrida nos remete a uma dimensão existencial indeterminada, a um só tempo passada, presente e futura, tão real quanto ficcional. Esta procissão de figuras forjadas em madeira, pedra, bronze, argila, papel e alumínio sinaliza uma forma física em constante mutação — embora inertes na aparência, são investidas de carga vital; compartilham uma essência comum, animista em sua potência espiritual, formal, estética. Carregam em si uma multiplicidade de tempos, de histórias, de vidas passadas, torturadas e acalentadas pelas mãos do artista brasileiro, radicado em Londres, Anderson Borba.

Como para-retirantes de nossa realidade, estas criaturas recalcitrantes rumam a um plano de comunhão situado entre a matéria morta e a substância viva, ativa em suas feições dotadas de uma eloquência tácita. Parecem comunicar-se umas com as outras numa linguagem feita de códigos visuais, despojos materiais e violento dinamismo orgânico. Ora vazados, ora repletos em suas entranhas, estes corpos parecem se dirigir a uma cerimônia secreta, ao largo da estrada formando um conclave de entes mundanos, extra-humanos, promíscuos em sua fisicalidade extrema. Beleza e bruteza aliam-se em formas mutiladas, saturadas, algo sombrias, algo solares.

Há muitos anos Borba vem dando vida a uma coleção de figuras degeneradas em sua forma excessivamente orgânica. Quando isoladas, restam como esculturas, tão-somente; quando em convívio, encenam uma coreografia de corpos universais, como num exercício da parte pelo todo. Um ente deriva do outro. Embora singulares em suas formas, formam um mesmo organismo — pertencem a uma mesma espécie, dividem uma alma comum. E há algo de religioso neste arranjo de esculturas num mesmo espaço, é como se ali se reunissem para deliberar sobre seus destinos e suas origens. Mais que isso, elas pontificam uma ancestralidade por vir, deitam suas raízes no campo coletivo como se pavimentassem um futuro-passado. São irreconhecíveis na história que nos foi dada, ainda que carreguem sinais de uma memória que remete à antiguidade, atravessa o século XX e alcança um futuro sempre precário nas suas possibilidades de existência.

Se, por um lado, suas esculturas façam pensar no Shigir Idol, esculpido há 11.500 anos, por outro, trazem à mente as colunas de Brancusi ou mesmo os corpos vazados de Barbara Hepworth, ou ainda a abstração convulsiva de Jack Whitten — da pré-história ao modernismo para então distorcer o contemporâneo. Mas sua obra logo nos permite desviar das narrativas teleológicas do Ocidente, tomar estradas laterais e encontrar nas figuras verticais semelhanças com os totens africanos — à diferença destes, entretanto, não estão ali para representar clã algum, ou melhor, simbolizam e unificam sua própria linhagem, ou aquela ainda por vir. Daí estarem impregnadas pela latência do futuro, daí seu misto de herança histórica e ficção científica: um novo corpo emerge, algo ciborgue, adulterado, transformado, transmutado.

De outra banda, ainda seguindo veredas laterais, as obras de Borba se aparentam às artesanias brasileiras, da arte popular, das carrancas que protegem casas e embarcações. Neste sentido, o fugido do título traz aqui implicações históricas e biográficas, manifestadas nas obras que ganham corpo inicialmente na Inglaterra, onde Borba estudou escultura na Slade School of Fine Art. No campo da história da arte, entretanto, e na esteira das antropofagias culturais, há, sim, algo de apropriadista em sua obra, na justa mediada em que carregam rasgos dos modernismos acima citados. Contudo, há algo de maior, que vai muito além da matriz ocidental. A obra de Borba ao tempo em que abraça, repele o modernismo, pois a solidez buscada pelo movimento europeu é destruída na precariedade das esculturas erguidas pelo artista — sólidas, porém igualmente a ponto de desabar. Daí a impossibilidade de atribuir às suas obras uma herança cultural definitiva, uma vez que elas tratam de um desejo roto, uma projeção demasiado falha de um corpo

escultórico, machucado e sem dono. Já no que tange sua biografia e criação, emergem as forças da Umbanda cultuada por sua família, algo que, todavia, não se traduz em essência em seu trabalho, pois a espiritualidade que emana das entidades esculpidas por Borba é profana, perecível e mortal. Ainda assim, sobra um paganismo de fundo que se distribui entre os entes escultóricos quando reunidos em liturgia, em assembleia, em comboio, como nesta galeria.

O fugido trata do emigrante e do imigrante, que torce as referências acadêmicas numa deriva de regresso ao chão natural. Mas o fugido também pode tratar do foragido, do retirante implícito nas formas físicas destes seres retorcidos, maculados, desumanizados em sua constituição danificada. Igualmente o fugido traz em si a ideia de quem se desviou da rota principal, tomou estradas vicinais e rumo paralelo.

Agrada-me pensar que as esculturas de Borba têm vida própria: uma vez em pé, percorrem suas sendas, balbuciam seus vocabulários silenciosos, estéticos. Como não bastasse, sobrevém a esse manancial semântico uma sensualidade que se insinua por meio dos corpos, e da moda, parte da formação inicial do artista. Mas essa moda tem mais que ver com a excentricidade política de Rei Kawakubo desenhando para Comme des Garçons e produzindo seus corpos escultóricos anômalos, exagerados, do que com a *high street fashion* da igualdade entre todos os corpos. Arrastando mantos e seus patuás, as esculturas desfilam seus andrajos dotadas de nobreza e integridade de sobejo. Elas batem em retirada rumo a um outro mundo, a uma para-realidade que ofusca a nossa. Na passarela ideada por Borba, todos revelam suas anomalias.

E nas paredes, quadros brutalistas, feitos de madeira e tiras de papel, como janelas ao mundo distorcido de Borba, convulsionado pelas formas esculpidas e pelas imagens brilhantes que aderem ao corpo, extraídas das páginas de revistas — nada é tão natural no mundo deste artista. Como uma espécie de televisão fora do ar, o esfacelamento de imagens outrora figurativas torna-se uma colagem sobre a impossibilidade da representação absoluta. Entre glossy magazines e corpos brutais, emergem paisagem igualmente brutas, cuja epiderme é tão sexy quanto o corpo dos animais, humanos ou não. Quando a segunda pele do mass media encontra as fendas do corpo dilacerado, esculpido, o pop acaba rechaçado em nome de uma fisicalidade extrema, humana. Não parece haver hierarquia no uso de materiais feito pelo artista, pois tudo é nobre, é refugio e é matéria, viva, como se na impossibilidade de encontrar uma forma definitiva, o artista garantisse vida àquilo que sequer sabemos nomear.

Este terceiro ato, ou fecho da trilogia que teve início em Londres, na The Approach Gallery com a exposição *Secret Ceremony* [Cerimônia secreta], e logo ganhou consequência na instituição CAMPLE LINE, nas terras baixas da Escócia, com a mostra *The Unearthed* [Os desenterrados], agora completa o ciclo com *Fugido*: algo ou alguém que escapou, evadiu-se ou se distanciou, como as entidades sobre-humanas esculpidas pelo artista, que escapam a previsibilidade da forma, extrapolam os limites da plasticidade da matéria e daquilo que entendemos como manifestação existencial neste velho mundo sem porteiras.

Bernardo José de Souza